

CURRÍCULO, MUDANÇAS SOCIAIS E INTERCULTURA: REFLEXÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS

Kátia Luna de Almeida;

Orientadora: Francisca Pereira Salvino

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar significados de currículo enquanto construção sociocultural, enfatizando a questão da diferença, numa perspectiva intercultural. Consiste em um relato de experiência, proporcionada pela disciplina Currículo, ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), ministrada pela Prof^a Dr^a Francisca Pereira Salvino, no período de 2016.2. Para tanto, recorre a teorias de currículo, tais como, as tradicionais (eficientismo, progressivismo e teylerianismo); as fenomenológicas; as críticas e as pós-estruturais, a partir das quais procura-se compreender o desenvolvimento do currículo como construção histórica e cultural, atrelada a diferentes fases de desenvolvimento das sociedades, e enquanto campo fértil para a construção de múltiplas identidades. Embora tardiamente, o campo do currículo no Brasil também vem se mostrando fértil, tendo impulso a partir da década de 1930 com o “Manifesto dos pioneiros da educação nova”. O currículo não diz respeito a algo parado, preso no tempo/espaço. Ao contrário, é dinâmico e está sempre modificando-se para adequar as pessoas às diversas realidades e mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais. O currículo constrói/governa identidades, sendo necessária uma reflexão acerca das diferenças que marcam a educação e o currículo, não apenas econômicas, mas também culturais. Portanto, faz-se necessário dialogar no espaço da interculturalidade. A disciplina possibilitou trocas culturais, produção e desconstrução de significados, pensar alternativas e acreditar que uma educação e um currículo comprometidos com as demandas sociais é possível. O relato de experiências proporcionou as alunas do curso de pedagogia um outro olhar relacionado a avaliação, e de fato, mostrou-se um instrumento potente para a avaliação mediadora, formativa e processual.

Palavras-chave: Currículo, sociedade, intercultural.

Introdução

Currículo é um termo amplo, que tem como principal função contribuir para a formação das identidades dos indivíduos como seres que vivem em sociedades distintas, portanto, em culturas distintas, o que pressupõe múltiplas identidades. Trata-se dos conhecimentos a serem ensinados e aprendidos de forma organizada, mas principalmente de uma vasta e intensa produção de significados culturais, com o intuito de desenvolver o senso crítico e uma participação mais ativa e consciente dos sujeitos na sociedade.

O currículo não diz respeito a algo parado, preso no tempo/espaço. Ao contrário, é dinâmico e está sempre modificando-se para adequar as pessoas às diversas realidades e mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais. Interessa-nos refletir acerca de cultura como uma dimensão de suma importância para o campo do

currículo, uma vez que resultam da mistura de raças, religiões, línguas, valores, costumes. Essas identidades e diferenças nem sempre convivem harmonicamente, pois são atravessadas por conflitos, segregações, desigualdades, discriminações, violências e injustiças.

As diferenças culturais que marcam os povos tem sido causa de grandes encontros, mas também das graves crises e violências que chegam a ser denominadas como genocídios, xenofobias, feminicídios, homofobias, *apartheids*, antissemitismo, que ocorrem, frequentemente. Entendendo que o currículo exerce papel importante para manter/reforçar comportamentos nessa direção ou modifica-los, este artigo objetiva analisar significados de currículo, mediante as teorias que vem sendo produzidas ao longo da história da educação, especificamente a partir da década de 1920. Objetiva também analisar o relato de experiência enquanto instrumento válido de avaliação mediadora, formativa e processual.

A abordagem se deu através de estudo bibliográfico, realizado no decorrer da disciplina Currículo, ministrada pela Prof.^a Francisca Pereira Salvino, no período 2016.2, ofertada no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/*campus* I-Campina Grande). Portanto, consiste em um relato de experiência sobre a construção de significados de currículo.

Metodologia

Este artigo consiste em um relato de experiência, como tal analisa uma dada experiência, podendo contribuir de forma relevante para uma área de atuação. Ele traz as motivações e/ou ações tomadas numa situação e as considerações/impressões que a vivência trouxe àquele/s que a vivenciaram (ESCRITA ACADÊMICA, 2017). Nesse sentido, podemos situá-lo no âmbito da abordagem etnográfica que implica, segundo Mattos (2011), introduzir os atores sociais com uma participação ativa, dinâmica e modificadora das estruturas soias, bem como preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar. Como afirma Freire (2000, p. 31),

Sem me deixar cair na tentação de um racionalismo agressivo em que, mitificada, a razão 'sabe' e 'pode' tudo, insisto na importância fundamental da apreensão crítica da ou das razões de ser dos fatos em que nos envolvemos. Quanto melhor me 'aproximo' do objeto que procuro conhecer, ao dele me 'distanciar epistemologicamente', tanto mais eficazmente funciono como sujeito cognoscente e melhor me assumo como tal.

Tendo em vista a imersão no contexto e o envolvimento do sujeito com o objeto de

estudo, alguns cuidados são necessários, tais como: período despendido no campo de observação; descrição densa e minuciosa; prezar por um determinado nível de objetividade e rigor teórico-metodológico; processo indutivo de análise; observância de princípios éticos próprios da pesquisa. Desta forma, evitando-se que a narração resulte excessivamente pessoal, emotiva e descompromissada com a análise a que se propõe.

Nessa perspectiva, procedemos à análise de processos de ensino e aprendizagem na disciplina Currículo, ofertada no período 2016.2, que ocorreu de 21/11/2016 a 12/04/2017 a 04/08/2017, sendo entrecortado por um período de férias (21/12/2016 a 21/01/2017) e outro de greve (12/07/2017 a 04/08/2017). Portanto, uma situação bastante atípica, inclusive porque já vinha em atraso devido à greve ocorrida em 2015), numa turma com trinta alunas matriculadas, mas apenas vinte frequentando. O curso é semestral e a disciplina Currículo é ofertada no terceiro semestre. As etapas foram as seguintes: apresentação do plano de trabalho e de conhecimentos prévios; definição do relato de experiência como instrumento de avaliação da disciplina; estudo das teorias; estudo de documentos jurídico-normativos e propostas curriculares de redes de ensino e escolas. A opção pelo relato de experiência se deu por ser este considerado um instrumento de avaliação mediadora, formativa e processual, através do qual os estudantes são orientados a registrar as aprendizagens mais significativas do seu ponto de vista (HOFFMANN, 2014).

Significados de Currículo: primeiras impressões

Em um primeiro contato com a disciplina Currículo, a Professora realizou uma dinâmica de grupo, orientando-nos a, em dupla, elaborarmos a apresentação uma das outras, utilizando desenho da colega e escrita, relatando as características que jugássemos importantes. A dinâmica causou risos, tamanha a falta de habilidade da turma para o desenho. A partir dessa atividade, a Professora nos levou a refletir sobre o que seria currículo e qual sua relação com a atividade proposta, uma vez que fomos instigadas a perceber a inabilidade para desenhar não é algo natural, genético, biológico. Depende de dos currículos a que fomos submetidas ao longo de nossas vidas, que não oportunizaram o desenvolvimentos dessa habilidade/competência. Assim, também ocorre com outras habilidades/competências, atinentes às artes, aos esportes, às linguagens, à Matemática e outras. Como exemplo ela citou os PCN (BRASIL, 1997, p. 14)

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência

humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente.

Conversamos sobre a importância de Artes e outras disciplinas, a partir de nossas vivências nas escolas. A Prof.^a Francisca esclareceu que existem no Brasil documentos que regulamentam a organização dos currículos e das disciplinas, que são: a Lei nº 9.394/1996, que estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Básica (DNCEB), além de várias outras.

Julgamos necessário ressaltar que a única noção que a turma tinha de currículo era a de *Curriculum Vitae* e *Currículo Lattes*, que passaram a ser entendidos como documentos que registram aspectos e percursos da vida acadêmica e profissional de uma pessoa. Então, fomos orientadas a realizar uma pesquisa livre sobre concepções e significados de currículo. Foi impressionante a quantidade de significados encontrados, que iam desde “plano de curso” a “espaço de disputas em torno da produção de significados culturais”. Na sequência, estudamos o texto “O que significa o currículo?” (SACRISTÁN, 2013, p. 17), do qual destacamos: “De tudo aquilo que sabemos e que, em tese, pode ser ensinado ou aprendido, o currículo a ensinar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade”. O autor nos traz outra dimensão do currículo que é a regulação, ou seja, os conhecimentos ensinados/aprendidos nas escolas são destinados a desenvolver determinados comportamentos e valores éticos e morais.

O aprendizado estendeu-se em discussões, nas quais fomos instigadas a manifestar os conhecimentos prévios e opiniões sobre temas como racismo, meio ambiente, política, com a professora fazendo mediações, questionamentos e aguçando nosso interesse sobre diversas questões do âmbito do currículo, através de “rodas de conversa” e “associação livre” e outras atividades.

Essas atividades permitiram-me chegar às seguintes conclusões: currículo não tem uma única definição; no processo de ensino e aprendizagem ele está relacionado à orientação e organização das atividades e do conhecimento; faz-se necessário levar em conta a realidade do educando para dar significado ao que a escola está ensinando; devemos ser trabalhadas no sentido de rever o que temos como verdades absolutas, olhando-nos ao avesso, ou seja, procurando enxergar a ação docente de forma a rever ideias, crenças, valores que, muitas vezes encontram-se eivadas de preconceitos e reforçam certas práticas discriminatórias.

Necessário darmos ênfase ao respeito às diferenças, pois

essa é a base para toda e qualquer relação com o outro, partindo do pressuposto de que somos todos diferentes, mas devemos ter direitos iguais. Como afirma Pérez Tapias (2013, p. 34), “é necessário que se trate os outros com o devido respeito, ou seja, com a solidariedade que seus direitos exigem. Reivindicamos isto como diferentes e a isso aspiramos como iguais”.

Abordagens teóricas de currículo

Nesta seção, voltamo-nos aos seminários que foram organizados para o estudo de quatro grupos de teorias curriculares. Para este momento, o texto orientado foi o primeiro capítulo do livro “Teorias de Currículo”, intitulado Currículo (LOPES e MACEDO, 2011). As autoras iniciam indagando o que significa currículo? A partir deste e outros textos complementares, foi possível entender que a industrialização e as mudanças econômicas ocorridas nos Estados Unidos e da Europa, trouxeram mudanças relevantes para a escola e para o currículo.

Esse contexto favoreceu a noção de currículo com a função de preparar o aluno para a vida adulta, para o mercado de trabalho, sendo fortemente influenciada pelas teorias da administração, principalmente desenvolvidas por Fredrick Tylor. Dessa influência tem-se o “eficientismo” porque essa teoria teve como princípios básicos a eficiência; a especialização, a divisão e o controle do trabalho; a produtividade, a exemplo do da organização empresarial.

Nesse contexto, surge também o progressivismo, tendo como nome mais conhecido o filósofo norte americano, John Dewey, tratando a educação como meio de reduzir as desigualdades e resolver problemas sociais em consequência da industrialização. A aprendizagem é enfatizada como processo pragmático e contínuo, que deve ter o aluno como centro e as metodologias ativas como potencializadoras de experiências práticas, socializadoras, democráticas e, conseqüentemente, exitosas.

Lopes e Macedo (2011) esclarecem que, a partir de 1949, Ralf Tyler passa a dominar o campo do currículo, articulando elementos do efficientismo e do progressivismo, insistindo na afirmação de que os objetivos devem ser claramente definidos para garantir o alcance dos objetivos. O tylerianismo pensa uma sociedade pautada no conhecimento técnico-científico a ser adquirido através de treino, repetição, automação.

Essas teorias têm em comum a finalidade de ajustar estudantes/trabalhadores à sociedade urbano-industrial, como promotora a racionalidade, do avanço, do progresso. Não se questionava ou criticava as desigualdades, injustiças e

problemas associados ao modelo de produção capitalista e a doutrina político-econômica liberal, que lhe serve de sustentação.

Essa preocupação ganha força por volta da década de 1970, com os estudos de Pierre Bourdieu e Louis Althusser (França), que deu margem à teoria reprodutivista, colocando a escola e o currículo como aparato de controle social, reprodutora das desigualdades sociais, promotora de injustiças. Nos Estados Unidos um dos principais teóricos dessa linha é Michel Apple (apud LOPES e MACEDO, 2011), discutindo as noções de poder, ideologia e hegemonia na função reprodutivista do currículo. Percebemos que a escola passa a ser rotulada como aparelho ideológico do Estado, responsável por preparar o indivíduo para a submissão, para manter a classe burguesa como dominante e a trabalhadora como dominada e explorada. Segundo Lopes e Macedo (2011, p. 29), “a função reprodutora da escola estabelecia uma correspondência entre estrutura social e reprodução, assim, as pessoas seriam educadas de acordo com o papel que fossem desenvolver depois de formadas”.

Embora concordando com os reprodutivistas, teóricos críticos como Henry Giroux, Peter McLaren e Michel Young defendem que o currículo não pode ser aceito como mera reprodução da estrutura econômica e política, mas como campo de resistência e luta contra o *status quo* capitalista. Por conseguinte, defendem o currículo como potencial instrumento de transformação social em favor das classes mais desfavorecidas. Ainda nesse contexto, desenvolvem-se a fenomenologia, para a qual o primordial é levar em conta as experiências de vida dos estudantes, trazendo o foco da discussão para a cultura na qual os sujeitos se situam. Ela está associada aos movimentos de contracultura surgidos nos Estados Unidos e na Europa na década de 1970, porém marcado por algumas fragilidades não conseguem dar conta da realidade vivida nas escolas.

Desse modo vão aumentando as críticas ao conceito restrito do currículo e do que deve ser ensinado. Assim, os teóricos da matriz fenomenológica argumentam a favor de um currículo dinâmico, propondo meios de englobar atividades que permitam ao aluno compreender o mundo à sua volta a partir da sua história de vida (LOPES e MACEDO, 2011). Ganham ênfase os trabalhos autobiográficos, os relatos de experiência, a etnografia.

Nesse ponto, fomos estimuladas a um momento regressivo a nossa fase de estudante de Educação Básica, quando, geralmente, as professoras limitavam-se a “repassar” conteúdos proposto nos livros didáticos, não aceitando críticas e proposições que fossem diferentes do que o livro oferecia. Esta era a realidade, por exemplo, na qual a autora deste artigo estava inserida.

William Pinar (apud LOPES e MACEDO, 2011, P. 30) “trouxe grandes contribuições para a fenomenologia, colocando o currículo como *currere*, definindo-o como um processo mais do que com uma coisa, uma ação, como um sentido particular e uma esperança pública”. Segundo as autoras, o método defendido por Pinar apresenta quatro momentos: regressivo (retornar às experiências do período escolar); progressivo (o momento no qual o indivíduo lida com o futuro associando seus interesses culturais); analítico (quando é feita uma descrição do presente, incluindo a resposta do sujeito ao presente e ao futuro); e o sintético (no qual o sujeito deva ser capaz de responder qual o sentido do presente para si). Lopes e Macedo (2001, p. 36) lembra que “do regressivo ao sintético o sujeito desenvolve sua capacidade de arriscar, abrindo-se ao desconhecido. O conhecimento altera o sujeito ao mesmo tempo que é por ele alterado”. Assim, ao mesmo tempo em que esse conhecimento modifica ele também é modificado.

Outra importante contribuição para o campo vem das teorias pós-estruturalistas com sua ênfase/força na linguística e no discurso. Parte-se dos estudos de Fernand Saussure e da ideia de signo linguístico composto por significante e significado para o processo de comunicação. Nessa linha, o significante é entendido como a representação (fala, imagem, escrita, desenho, símbolo) do objeto e/ou da pessoa. Já o significado trata-se da representação mental, do conceito formulado sobre o significante, ou seja, do que foi construído mentalmente em torno da coisa/objeto/sujeito. Seguidoras dessa perspectiva, Lopes e Macedo (2011, p. 38) esclarecem que “o pós-estruturalismo partilha com o estruturalismo uma série de pressupostos, dentre os quais, o mais relevante para desconstrução dos conceitos de currículo que apresentamos até agora diz respeito ao lugar da linguagem na constituição social”. Ambas as correntes defendem que a linguagem cria aquilo de que se fala, ao invés de apenas nomear ou representar as coisas existentes.

Para os pós-estruturalistas a linguagem é bem mais que isso, ela é aquilo que dar significação às coisas, aos fatos. Sem o discurso as coisas podem ter existência material, mas não têm significado. Por conseguinte, o currículo é simplesmente um texto, um discurso, cujos significados devem ser situados historicamente e culturalmente (LOPES e MACEDO, 2011).

Como constamos durante os estudos e nesse relato, as sociedades foram produzindo significados em torno do que vem a ser currículo. Claro que essas produções não são desinteressadas, fáceis, destituídas de controle, regulação, tentativas de dominação. Essa construção é atravessada por relações violentas pela legitimação do que deve ser ensinado e aprendido, ou seja, disputas em torno dos de poder, que são

dotadas de positivities, mas que também são assimétricas, desiguais, injustas. Nessa construção ocorre disputas mais ou menos acirradas e conhecimentos e das experiências de aprendizagens, que estão associadas fortemente à constituição das identidades. O que somos, o que nos tornamos depende fortemente dos currículos a que fomos submetidos ao longo das nossas vidas. Por que, então, as sociedades letradas/escolarizadas mantêm posturas de segregação, discriminação, injustiça contra determinados grupos por questões étnicas-raciais, sexuais, de gênero, religiosas e outras?

Não podemos pensar/praticar currículos no sentido de impor a outrem nossa cultura, nosso modo de ver e perceber o mundo. A professora Francisca, fez-nos pensar que, como faz Fernandez Enguita (2013), as instituições educativas não são santuários. Elas são feitas do mesmo tecido social que as demais instituições que compõem as sociedades, portanto, nem sempre ela atua para que exista equidade justiça social e democracia para todas as pessoas, de modo a pelo menos diminuir as desigualdades existentes.

Cultura envolve muitas coisas, entre elas, costumes, comidas, línguas, crenças, folclore, condições de vida, moda, arte, música, artesanato que são diferentes para diferentes povos. Como analisa Pérez Tapias (2013, p. 135), “[...] não podemos continuar pensando e agindo com o pensamento arrogante de que nossa cultura hegemônica é o padrão e a medida a qual todos os demais devem se submeter [...]”.

Nesse aspecto, a trabalhamos a questão da multi/interculturalidade, tomando como referência principal Perez Tapias (2013), que nos possibilitou pensar o currículo, trazendo aspectos indispensáveis para a redução das desigualdades sociais, considerando não apenas as diferenças econômicas, mas também as culturais, entendo que há diferenças enormes entre ser negro, por exemplo, além de pobre ou nordestino.

O campo do currículo no Brasil

O que existia no Brasil era o destaque ao enciclopedismo e a tradição pedagógica jesuítica até os anos de 1920 e 1930. Nessa década, o Brasil passava por inúmeras transformações no âmbito econômico, político, cultural e ideológico, motivando um forte movimento em defesa da educação. Nesse contexto, representantes da burguesia em ascensão organização e divulgaram o “Manifesto dos pioneiros da educação nova”, dando início a reformas educacionais e curriculares. Importante lembrar que, no Brasil, não havia um campo educacional estruturado como nos havia nos Estados Unidos e na

Europa e apenas 2% da população tinha acesso a ela. Também não existiam estudos e pesquisas em relação aos mesmos. Isto ocorre apenas a partir da criação do Instituto Nacional de Pesquisa Educacional Anísio Teixeira (INEP) em 1938, como afirma Moreira (2012).

Após a primeira guerra mundial, com o grande avanço da indústria, retomam-se a necessidade de alfabetizar os trabalhadores e a população em geral, visto que a burguesia passa a perceber a educação como estratégia ao desenvolvimento econômico e ao progresso da nação. Conforme Moreira (2011, p.73), “é nítido o caráter caótico e contrário da década, caracterizada por tentativas de mudança da estrutura de poder, redefinição das funções do estado, estabelecimento dos rumos a serem seguidos no processo de industrialização e reorganização da educação”.

Essa retomada ocorreu na Bahia com Anísio Teixeira, que havia sido afastado da política durante o “Estado Novo”, regime ditatorial governado por Getúlio Vargas de 1937 a 1945. Nesse período cresce a ideia de educação integral, com ênfase não só no crescimento intelectual, mas também ao desenvolvimento social, físico e emocional do aluno.

Em Minas Gerais, com Francisco Campos e Mário Casassanta, também são retomados os ideais da Escola Nova, redefinido como instrumento de reconstrução social, reafirmando que crianças merecem e tem necessidades específicas. Buscava-se desenvolver na criança habilidades de agir, criar, decidir e pensar, trabalhando também nos professores a ideia de que o interessante não é apenas a quantidade do que é ensinado e sim a qualidade do conhecimento aprendido. Outra experiência nessa direção vem do Distrito Federal com Fernando de Azevedo, que foi considerada a mais revolucionária do período, levando em conta as metas de uma sociedade moderna e as necessidades do país.

Essas reformas pretendiam um rompimento com o modelo de escola tradicional existente, propondo inovações ao campo educacional. A criação do INEP foi de grande importância para o campo curricular no Brasil, pois passou a existir um departamento para realizar as pesquisas acerca de como estava a situação dos estudantes, visto que existia uma grande evasão escolar e também crianças em idade escolar fora da sala de aula. Também foi relevante o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE), que foi um acordo assinado em 1956 entre o Brasil e os Estados Unidos, objetivando investir no ensino primário, treinando supervisores escolares e professores de ensino primário e escolas normais para produzir, adaptar e distribuir os materiais didáticos aos professores. Eles eram enviados aos Estados Unidos para treinamento durante um ano, para quando retornarem ao Brasil, treinarem outros profissionais.

A partir de então, o campo tem crescido e apresenta uma produção significativa, mas ainda requer muito esforço para consolidar-se. Sua produção ainda é bastante de teóricos estrangeiros, mas têm crescido os intercâmbios e pesquisas interdisciplinares que são fundamentais à essa perspectiva. Na década de 1980 foram importantes as contribuições de estudiosos e seguidores das teorias críticas, tais como Dermeval Saviani, José Carlos Libâneo, Vera Candau e outros. A partir da década de 1990, tem sido significativas as contribuições de estudos multi/interculturais, principalmente a partir dos estudos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de estudiosos como Antonio F. Moreira e Sandra Corazza. Também do Rio de Janeiro e São Paulo como Nilda Alves, Antonio Carlos Amorim, Alice Casimiro Lopes, Elizabete Macedo, Inês Barbosa e outros.

Para estes estudiosos são centrais as categorias cultura, discurso e identidades, entendidas como dinâmicas, não fixas, em constante mudança. Sobre este aspecto, fomos orientados a refletir sobre a constituição das nossas identidades, enquanto alunas do Curso de Pedagogia, situado na Região Nordeste, uma das que apresentam os mais baixos indicadores educacionais do país. E para isso construímos um texto intitulado “Quem sou eu?”. Percebemos que nossas identidades também são móveis, complexas, deslizantes, híbridas. Percebemos que em nós habitam várias outras “identidades” (mulheres, mães, trabalhadoras, negras, brancas, nordestinas -ou não-, machistas, feministas etc). Por tanto, nessa dinâmica percebi outro lemos que o currículo é de fundamental importância para que as identidades sejam construídas, da maneira como eu me vejo e como vejo o outro.

Para compreendermos melhor essa questão da influência do currículo na constituição das identidades, a Professora com o vídeo da banda Pink Floyd, *Another Brick In The Wall* (Apenas mais um tijolo na parede), que faz uma crítica à escola organizada na perspectiva empresarial, moldando os estudantes de forma autoritária; desfigurando suas identidades, numa tentativa de torna-los iguais. Na cena da escola/fábrica são emblemáticas as máscaras ao invés de rostos normais, as fardas iguais, a marcha ritmada com todos na mesma direção e, por fim, a rebelião dos estudantes destruindo a escola.

Refletindo sobre propostas curriculares, trabalhamos outro vídeo, Destino educação – Escolas inovadoras episódio 13, sobre o projeto do Núcleo Avançado de Estudos Educacionais (NAVE), através do qual a Escola Estadual Cícero Dias (Recife/PE) foi reestruturada e vem apresentando resultados exitosos na área de tecnologia. Para refletirmos, também, sobre a importância das metodologias de ensino e aprendizagem, foi planejada uma aula com a metodologia de projetos e estudo do meio, objetivando

conhecer a E. E. Cícero Dias e o Espaço Ciências: museu interativo de Ciências. Devido a dificuldade para conciliar os calendários da escola e da UEPB, a visita à escola não pode acontecer, mas aconteceu a visita ao museu no dia 07/04/2014.

Considerações Finais

Ao longo da história da educação, vários significados foram produzidos acerca do termo currículo, o que nos faz inferir que estamos lidando com um campo dinâmico, rico, em contínuo movimento, sempre sujeitos à produção de novos significados e ressignificações que são importantes para mudar o quadro de desigualdades e injustiças que marcam a educação e o currículo no Brasil e em outras partes do mundo. Cada uma das teorias estudadas são tentativas de revelar qual os sentidos recorrentes de currículo, lembrando que não os únicos e talvez não sejam esses os melhores para atender às necessidades dos indivíduos, especialmente das populações mais desfavorecidas economicamente que mais dependem da escola pública.

O currículo constrói/governa identidades, sendo necessária uma reflexão acerca das diferenças que marcam a educação e o currículo, não apenas econômicas, mas também culturais. Dialogar no espaço da interculturalidade faz-se urgente, o que implica defender/gerar condições econômicas adequadas entre os envolvidos, eliminando a exploração do trabalho o ingresso na economia informal a marginalidade nos modos de vida, bem como sua banalização. Portanto, argumentamos que a consideração da “diferença”, não significa desconsideração das condições econômicos, mas a incorporação de variados elementos para entendimento do sucesso/fracasso escolar das mesmas, pelo fato de vivermos em uma mistura de raças, credos, costumes e cultura, e o currículo é construído com base nessa diversidade e deve-se buscar respeitá-las.

Por fim, queremos ressaltar a disciplina possibilitou trocas culturais, produção e desconstrução de significados, de pensar alternativas e de acreditar que uma educação e um currículo comprometidos com as demandas sociais é possível. O relato de experiências, de fato, mostrou-se um instrumento potente para a avaliação mediadora, formativa e processual, embora tenha sido bastante trabalhoso, tanto para as estudantes como para a docente que a ministrou. Finalizamos com uma indagação que nos vem de Walter Benjamin (2012, p. 86): “Na verdade, de que nos serve toda a cultura se não houver uma experiência que nos ligue a ela?”.

Referências

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e tradução de João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Introdução. Brasília: MEC, 1997.

ESCRITA ACADÊMICA. **Gêneros acadêmicos: o relato de experiências**. Disponível em: <http://www.escritaacademica.com/topicos/generos-academicos/o-relato-de-experiencia/>. Acesso em: 10 out 2017.

FERNANDES ENGUINTA, M. As forças em ação: Sociedade, economia e currículo. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HOFFMANN, J. **O jogo do contrário em avaliação**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO Elizabeth. Currículo. In: _____. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011(pp 19-42).

MATTOS, Carmen Lúcia. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmen Lúcia. CASTRO, Paula Almeida da (Orgs.). **Etnografia e educação**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

MOREIRA, Antônio Flávio. **Currículo e programas no Brasil**. 8. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

_____. **Currículos e Programas no Brasil**. 18º Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

PÉREZ TAPIAS, José Antonio. Educar a partir da interculturalidade. In: SACRISTÉN, José Gimeno (Org). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013. (pp 126-136).

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa o currículo? In: _____. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013. (pp 16-35)